

# Réquiem profano e glorioso para Carlos Drummond de Andrade

Pedro de Assis\*

Poema-ensaio de compreensão/comemoração drummoniana em franco diálogo e em livre jogo textual com poemas, versos e imagens do poeta, bio(foto)gráficas e autobiográficas inclusive. Nova versão, revista, modificada e aumentada (*work in progress*) que ora suspendo, destino e dedico especial e nataliciamente:

A **Benedito Nunes**

mestre e amigo  
na auréola espiritual dos oitent'anos.

E no rastro hermenêutico do seu, uno e alto,  
ensinamento ético-poético-filosófico.

I

Dorme em paz, Drummond, o teu sono eterno, de minério...  
oh Arquimineiro! enfim exausto de lavar tuas minas  
de ouro e ferro e estanho e cobre, e lavras diamantinas:  
tuas minerais palavras – jazidas de mistério.

Quieta em paz, Drummond, teu aflito espírito, crítico, irônico  
humorístico, em guarda e em riste ante os embates da humana lida.  
Tu, que calcaste o indivíduo, a classe, o medo, o ódio, a náusea, o tédio  
– e autêntico! a ti mesmo te destinaste: a ser *gauche* na vida.

Cala em paz, Drummond, tua voz tênue, tímida, emudecida voz  
que nos mais vários tons poéticos, e atonal, cantou e descantou  
os grandes temas eternos e os modernos, e ora longe e grave ressoa  
do fundo pressentimento... dos teus sábios versos à boca da noite.

\* Professor  
aposentado da UFPA.  
Doutor em Poética.

**Cerra em paz, Drummond,** teus olhos tão pequenos para ver  
países mutilados como troncos – de novo proibidos de viver.  
E o velho mundo que se esvai em sujo e sangue, e um outro mundo  
que brota, qual nelumbo! a teus olhos sem luz que se translumbram.

**Queda em paz, Drummond,** teus braços solidários, agora amortecidos –  
que acolheram e que abraçaram as causas e as crises do nosso tempo  
e souberam, em versos largos, sobraçar os dilemas e problemas desta vida  
e entrelaçar, à aura dos áureos tempos, a hora expandongada destes dias.

**Cruza em paz, Drummond,** tuas mãos transidas, esmorecidas  
mãos que afagaram e que escreveram as coisas todas deste mundo  
e ternas se deram à terna e leal companheira da vida inteira  
– tuas mãos dadas: apenas duas mãos, e o sentimento do mundo.

**Junta em paz, Drummond,** teus rijos pés, enrijecidos, não já andarilhos –  
pedestres, pés de verso, iguais abridores de aventura, nos iambos do poema  
e da experiência, que juntos palmilharam as avenidas da linguagem, da vida  
e caminham ainda, infinitamente, numa estrada de pó... e lembrança.

**Recosta em paz, Drummond,** teu frágil, forte ombro andradino  
que suportou as dores, os sonhos, as esperanças do mundo.  
Tu – magno Carlos – que a ti chamaste José e Raimundo  
e uniste a verde rosa do povo e o negro lírio castroalvino.

**Relaxa em paz, Drummond,** teu rosto imóvel, lívido, estarecido  
ante a humana tragédia. Que tua face serena vela a face torturada.  
Pai – não padeceras ver, viver a morte da filha amada, estremecida.  
Poeta – não cantarias a guerra, o amor cruel, os ódios organizados.

**Sossega em paz, Drummond,** teu coração maior e menor que o mundo  
e muito melhor, que desde o dia em que o amor te bateu na aorta  
e um anjo torto, e a legião de amigos, vieram ter e bater à tua porta  
– não mais tiveste posto em sossego teu pobre coração vagamundo.

**Requieten em paz, oh amador,** teu peito ofertado ao acerbo amor  
que árduo inquiriste. E alfim colheste, em som camoniano  
– de tua lírica, e ardente mineração do Eu, do Outro –  
a suma e simples lição: *Amar se aprende amando.*

**Reclina em paz, oh pensador,** tua fronte imersa no pensar  
profundo, auscultando, perscrutando, entre miríades de signos  
símbolos, mitos, ritmos, o absurdo original e seus enigmas  
os mais claros, mais altos – pastor do tempo, minerador do ser.

**Recerra em paz, *in extremis,*** teu manso olhar, alegre e triste  
que em cada retrato afeioou-te o espírito e o semblante  
e de que são o reflexo, dúplice, recíproco, e constante  
– os teus sorrisos e os teus poemas... da triste alegria.

**Descansa em paz, *in aeternum,*** tua alma inquieta no sentir e no dizer  
os sentimentos grandes, raros, fundos, obscuros, contraditórios –  
que ao homem tornam estranho, o mais que estranho, a si contrário.  
E na língua um travo te cravaram – de angústia entre o talvez e o se.

Repousa enfim, *nunc et semper*, teu corpo inteiro, teu corpo inerte.  
Que pereceu na noite – e sucumbiu por si na espantosa solidão.  
Sem suor de remorso, terror, súplicas. Simplesmente, como anteciparas:  
adeus, composição que um dia se chamou Carlos Drummond de Andrade.

## II

Faz, em paz e salvamento, ao seio da terra e da família  
(ao país dos Andrades, secreto latifúndio) a tua última viagem...  
selando as que aos mais loucos labirintos – sem passagem –  
tantas vezes fizeste, seguindo a morte em sua trilha.

Em paz, recolhe ao teu agora hirto lado esquerdo  
as heranças, lembranças... o que restou dos teus mortos.  
Já não te pesam – vazios – os jazigos da memória.  
Aos teus lajos e andrídos... te reúne este lajedo.

Aqui jaz – morto! Drummond – na *sancta* paz dos descampados  
que alcançaste – teu corpo-e-alma na mais pura e completa solitude.  
Poeta do finito, e da matéria, cantor do nada, e da humana finitude:  
a ti acolhe – mina recôndita – o cemitério da infinita soledade.

Mineiro e minerador, em ti refundes, inumas, a dura e rica mineralogia simbólica  
de tuas velhas minas extraída; e o comburido espírito de Minas, teimoso lume aceso  
mesmo sob cinza: eras geológicas de sonhos minérios, mineralgias míticas – geopoética  
do fogo embriagador que lavra súbito, na palavra, da pedra: diamantinimas turmaliniminas

## III

No silêncio, e na sombra, de tua mais terrestre herdade  
(horto que antegozaste, trauteando teu responso prévio)  
fazendeiro do ar que regrediste aos arcanos da caverna  
– aí ofusca-te o esplendor da verdade / sem verdade.

Em vão bateras tu à porta da verdade. Já estava a porta aberta  
em meias verdades – a verdade dividida em diferentes metades.  
E bateste bateste no portão do tempo perdido. Só eco respondeu.  
Era metade hera metade cinzas – a casa vazia do tempo perdido.

Na fimbria entre o ser e as coisas, repensaste a suposta existência:  
nossa, e do mundo envolvente. Na teia fina das palavras, ir-rompeste  
os lindes da linguagem – onde a realidade é maior do que a realidade.  
E sibilinamente viste – no limite – o império do real, que não existe.

Em tua desmi(s)tificante cosmovisão existencial do ser/estar-no-mundo  
mergulhaste num rio de turvas especulações em torno da palavra homem.  
Recusaste a vã revelação da máquina do mundo, e da máquina do tempo.  
E no balanço final, só recolhiste: a incerteza de tudo / na certeza de nada.

Indagaste em vão por que morte e homem andam de mãos dadas.  
Por que morre o homem? Como vive o homem, se é certo que vive?  
Morre a cada passo? Tem medo de morte? Ou medo é que o mata?  
E, homem, respondeste: sua morte é fome que a si mesma come.

**M**as, tua poesia, que é a tua luz perpétua e insepulta  
– chama azul-telúrio em que perdura e rutila a essência  
da existência, que assumiste e que cantaste – tua poesia  
morte secreta – te salva, e te resgata, da morte absoluta.

(**T**u que, irresoluto, em matéria de infinito e anacoluto  
– fino perfil, de Machado, de Quixote, ou de Carlito –  
e nem Fausto nem Mefisto – co’ um piparote em tudo isto  
– atiraste à cesta o absoluto... como inútil papelito.)

**D**escobriste a tristeza de Deus e a alegria (tristes!) dos homens.  
No teu próprio choro – de/cifraste – o choro pânico do mundo.  
Sondaste a dor de tudo e de todos, a dor geral, dor sem nome.  
No fim, compreendeste: livre, bem livre, é mesmo estar morto.

**E**m tua antiteodicéia poética, trágico-irônica, desassombrado e proscrito  
escreveste: o único absurdo é Deus, o único culpado é Deus. *Ipsum fatum*  
em nome do homem te arrependeste da criação de Deus (mas agora é tarde –  
adiste). E, irônica heresia, deste a entender no grave crocitar: Deus não morreu

nem é Amor – é a Morte. No cimo de tudo, Deus está pousado com uma garra apenas  
(tristinfinitamente) e fita o mundo... desfere vôo e sai por aí bicando as coisas, indiferente...  
Bica-me Deus... nos olhos, presentiste. E arremataste: Ao sumir crocita: “Hoje te perdôo.”  
O que Deus perdoa, só o sabe Deus. Ao findar o tempo / tudo se acomoda à sua vontade.

**I**ncerta marinagem na rota do divino, busca imanente de precária transcendência  
travaste com o seu santo nome o vão combate, do humano, insano anjo batalhador  
em que te encarnaste, na guerra de Deus, inglória, infinda, sem vencedor, para quem  
escalavrado, no inútil duelo do Eterno, não sabe que fazer dele na microeternidade.

**G**uerra santa, finda só para os mortos: só quem morre vai descansar na paz de Deus.  
Pois que a morte não existe para os mortos — não têm medo da morte desabrochada.  
Ceifados desta vida que não chega a ser breve, posto que é fim no começo, os mortos  
retornam eternamente à eterna vida – não a lendária – a que perdemos ao nascer.

Ao Deus cruel, misericordioso, duplo (*Rex tremendae majestatis*) que argüiste: como entendê-lo?  
e que, também Ele, não entende suas criaturas, condenadas previamente (*Dies irae, dies illa*)  
a sofrimento e morte (*Confutatis maledictis*), opuseste-Lhe, à dogmática da onipotência, omnis-ciência, bondade e  
justiça supremas, o supremo paradoxo, o oxímoro mais crucial – dramático!  
da humana condição: o do bem e do mal de amar. – Por que nascemos para amar  
se vamos morrer? – Por que morrer, se amamos? E a Ele, em suma, cético imprecaste –  
sem esperança de resposta – o contra-senso irremissível do teu, do nosso! mais cruciante  
e consumado *Por que?* – Por que falta sentido / ao sentido de viver, amar, morrer?

**E**m contraprofecia anteviste: não há advento esperável de um novo ou último deus.  
Porque assim leste nas escritas da época: já não há projeto de outro Deus ou vários.  
Só e precito, no seu ínsito Cáucaso, o homem caiu em si, sem remissão: – a seta  
não aponta destino algum, e o traço ausente / ao homem torna homem, novamente.

(**N**o rodapé de tão altas reflexões, pregaste-nos a peça de teu espírito maroto e faceto  
perguntando de pronto, com jeito e riso de garoto, e no verso dando dupla pirueta:  
E se Deus é canhoto? e criou com a mão esquerda? *Hipótese*, sem dúvida, mui esperta  
e muito astuta, pois atribui ao Criador os atributos típicos... do capiroto ou do capeta!

Facécia essa, nada teodícica, do teu humor diabólico e moleque, lépido e metafísico: além de glosar o mito da mão de Deus, da sua generosa e tenebrosa mão direita – isso explicaria, troçaste, trocando a destra pela sestra, driblando a desgraça com gracejo: os males desta bruta vida, os desacertos do homem, e todo o desconcerto do mundo.)

Sensível, contudo, aos mais singelos e humanos símbolos da religiosa cultura e devoção te (nos) curvaste ante o berço de palha, vento e ar... do *Rei menino*, sem manto e sem jóias o *Rei criança*, apenas um menino, humanamente nu e divino, inocente de todo saber e poder que reinando e brincando (assentiste): *sustenta o peso do mundo na palma ingênua das mãos*.

#### IV

Se não morreste satisfeito, não morreste inconformado.  
Assumiste o teu fim. E à morte deste a mão naturalmente.  
Soubeste, sentiste a hora de teu ser... desacoroçoado  
de viver, não, sobreviver... e em teu amor, sobremorrente.

Mas não morreste de amor pela morte. Tua mor ciência, in-gaia e arte maior, foi urdir e entreter em tal forma o viver, o amar e o morrer, num jogo íntimo, à risca, entre o vivido e o inventado – que o amor da vida, que tiveste, reverteu-te a morte em amor.

Repeliste, sem romântica ilusão, o frio e falso beijo da morte.  
A morte (riso sem boca) nada pode beijar. Só o fero ardor da vida (ainda quando morte, esculpida em vida) é que nos faz, qual fizeste ao mero nome da amada morta – beijar, beijar intensamente o nada.

Teu senso vital - visceral - da força e poder maior do amor sobre a morte foi tal - sem temor de antever os nossos, predestinados, desmantelados ossos - que ironizaste: Há de restar (...) ossatura - desfeita embora em linha espúria - de modo (preconizaste) que a criatura, morta, de amor ostente a fúria.

Em amor e morte envolvida, reescreveste, reviveste a vida passada a limpo.  
Na lavra da palavra, de tal modo revolveste a morte – até sovertê-la em nada.  
Harto interrogaste: – Amor é compromisso com algo mais terrível do que amor?  
Religaste catarse e gnose amorosa, na trama trágica de quem vive sua morte.

Na mó da morte remoeste amor, memória, e dor, até à aguda espostejação da carne do conhecimento. E o mais doído e remoído sentido extraístes: *Amar, depois de perder*.  
Amar-amaro, amoremorte (perverso anel satânico de vogais e consoantes a te perseguir).  
E nada que responda – pasmaste – ante a magia: *arder a salamandra em chama fria*.

Amor é privilégio de maduros – meditaste. Ambíguo, concluíste: *Amor começa tarde*.  
Bem sabias: a madureza – essa terrível prenda – vê o círculo vazio, onde se estenda.  
No cair geral da tarde viste nossa mesma queda: numa antecipação de morte sem dor.  
E, com irrisão, murmuraste: *A tarde, a triste tarde caiu. Caímos / imorredouramente*.

Testemunhaste a morte no privilégio de ouro de a sentires em vida, através de um aquário.  
No ressentir da própria carne, e na pele das palavras, provaste o antessabor da linfa amara.  
E acumulaste o pó do tempo findo e das coisas morrentes... até às franjas do esvaecido ser.  
Mas um nome te reacendia o espírito: *Amor – a descoberta de sentido no absurdo de existir*.

Para viver de amor mais largamente, imaginaste que a fraca e triste carne encanecida pede consolo ao Diabo. Os mil favores infernais, infaustamente, não logram dar de amor

os dons em flor. Ao fim, verias: *o amor, o pobre amor estava putrefato*. A envilecida carne desconsola-se. E nada se resolve, *e o aroma espalha-se / de flores calcinadas e de horror*.

**A** ti mesmo acusaste, sem culpa, de ser o *malvindo*, o iludido *migrante*, o *sobrevivente*.  
Rindo de tua má sina, motejaste: (...) *sem que, nascido, mores / onde, vivendo, morres*.  
E sentindo-te o *enterrado vivo*, juraste por Deus e o Diabo que não viveste, não viveste.  
A vida te venceu, e não te convenceu – *nem deu qualquer motivo para haver o ser vivo*.

**A**final: *sofrer é outro nome do ato de viver*. Todos os seres, até as flores, as pedras, sofrem.  
Mais, disseste: é a chave da unidade do mundo. Onde bailam mésons, brilham fótons... há uma opulência de impossíveis, casulos do possível. Erra o mistério em torno de seu núcleo.  
A todo momento, roda o tempo, rola o mundo... *balanço de anca terrestre, certa de morrer*.

**N**uma visão agnóstico-escatológica, especulaste a trilhões de milênios antes do Juízo Final: até que do (humano) ser não reste em qualquer átomo / nada de uma hipótese de existência.  
Ao mito da eternidade saudaste com reverente sarcasmo:—*Eternidade: os morituros te saúdam*.  
E num simbólico par nos fundiste, esculpiste, *imantados / pelo aço do silêncio em nós cravado*.

Só aquela esplêndida lua! – que inundou a noite, e fez tua alma uma lagoa iluminada...  
trouxe-te a serena e sutil ciência de quem contempla e vê: – *Tudo branco, no tempo*.  
E deu-te a sereníssima consciência – colhida flor que já não destila mágoa nem furor  
– de aperceberes: fruto de aceitação da natureza – *essa alvura de morte lembra amor*.

**A**mor – que é o nosso viver essencial; e morte – nossa mais crua realidade virtual:  
ambos transfundiste no êxtase orgástico (*morte de tão vida*) do *amor natural* dos seres.  
Suma erótica da integração do corpo no cosmo – poética da unidade inicial do mundo.  
Gozo da eternidade – num instante de infinito: *é quando o amor morre de amor, divino*.

**P**orém jamais te enamoraste da morte – foste a morte amortecendo em vida  
– *vidamor* te trespassando, transvivendo-te – sem que te mortificasses nela.  
E na tua mala-sorte, fadado a sobre-viver, e a rir-te e debicar-te da morte  
teu contra-epitáfio tamborilaste: *amor é primo da morte, e da morte vencedor*.

## V

**A**o redor de tua pobre campã, despojada, sem cruz, sem salmo, sem vela,  
virão todos, em coro, celebrar-te – Amor, amores, que nos seres encontraste:  
os seres-bois e os humanos, os astros, pedras, bichos, plantas, peixes, pássaros  
flores, beija-flores... E juntos, pascendo beatitudes, mugidoramente te abençoem.

**P**ois tanto amaste os dons da Vida, e da Linguagem, os bens da Natureza  
e as obras da Arte, do Saber, e tudo em verso universo converteste  
e foste – Orfeu moderno – o vate ecosófico e humanístico da nova era  
ornem-te o nome, e a lira, as palmas da Paz, da História, da Cultura, da Beleza.

**C**anção ecumênica da Terra, morada global dos homens e alicerce ôntico do Mundo –  
tua poesia (qual no cívico *Adens a Sete Quedas*, sete boiadas de água, sete touros brancos  
sete fantasmas, sete crimes / dos vivos golpeando a vida / que não mais renascerá) tua civil poesia  
cedo entabulou a questão, com humor propondo o samba-enredo: *Amor, Todo Amor à Ecologia*.

**N**o fragor da Segunda Grande Guerra – tempo de partido, tempo de homens partidos –  
desfraldaste em estrofes, em vasta apóstrofe, o teu *Guernica* – a rosa do povo despetalada:  
tempo de divisas, tempo de gente cortada, tempo de muletas, de mãos viajando sem braços  
guerra de extermínio, horror de lado a lado. E desferiste o teu verbo contra a hora absurda:

painel crítico-irônico-dramático-sarcástico do *Nosso tempo* (escuro e medonho)  
pintado em tumulto, em revolta, com palavras roucas e duras, súbitas, explosivas  
– cortes cubistas, surrealísticas imagens, tintas expressionistas – lançado em peso  
de encontro ao lirismo deteriorado e contra o curso aterrador do mundo capitalista.

Interpelando, interpretando, interceptando assim, com aguda intuição, os múltiplos símbolos obscuros da história ocidental, detectaste o sopro dos laboratórios platônicos mobilizados, a sua força panlógica e propulsora (des)encadeando, numa só e sinistra sintaxe histórico-metafísica, os basiliscos simbólicos e ideológicos (acoplados) da Razão, da Fé, dos Fins, da Ciência, da Técnica, do Progresso e do Poder –

totalitário consílio ontote(le)ológico dos deuses e dos homens (*consilium fraudis*), predeterminando e produzindo o *arraçoamento* devastador da Terra, e do Mundo, em global cometimento e periclitância. Sopro ir-racional todo-poderoso, superpotente, que de novo detectarias e denunciarias, tanto mais concreto e destruidor: bruta inflamação no ventre da primavera, flor de pânico, de câncer, de pavor; bélico artefato

que furtou e corrompeu elementos da natureza e mais furtara e corrompera; e que, sob uma espécie de alquímico-epistêmica reação em cadeia, transmutou-se no produto quintessente de um laboratório falido. O qual tu mesmo, poeta político-irônico-satírico, com teu poder de palavra literalmente detonaste (petardo-piparote, urânio-hidrogênico-sardônico) no teu zombeteiro e desmantelador poema d'A Bomba.

Mas se no atro quadro da época tua denúncia foi patética, também foi lírica e iluminadora tua confiança:  
*A escuridão estende-se mas não elimina / o sucedâneo da estrela nas mãos.* E seria burlesca, mas lídima a tua esperança: A bomba / com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se salve. / O homem (tenho esperança) liquidará a bomba. - Pois o perigo é que salva: *a hora mais bela / surge da mais triste.*

Cantor do tempo, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente e sobretudo o tempo da *memória, pasto de poesia*, e o tempo ucrônico da utopia – poematizaste e meditaste o tempo humano e o tempo do mundo, como um todo, desde as mais fundas rumações do boitempo às altas confabulações do tempo-boi.

Poeta completo da infância e adolescência, da mocidade, da madureza e da serena idade – tal o velho Bruxo do Cosme Velho, cuidadoso leste, releste e tresleste da vida o livro inteiro. E um novo humanismo pensaste: antiprometeico, anti-heróico, anti-romântico, cético-irônico e tragi(ludo)cômico, bem mais (que) humano, porém não mais... *humano demasiado humano.*

Poeta de poetas e da poesia, da arte e de artistas, alto ressoaste em canto órfico o panorama historial e o atual desmoronamento estético do panteão das Musas. A Orfeu, dividido, conjurando-o pediste a cifra da unidade áurea que perdemos. E só de ousar seu sancto nome já entreviras: *a rosa trismegista, aberta ao mundo.*

A cada um dos teus diletos orfeus, *os marcados*, tuas muitas eletivas afinidades e amizades, saudaste e cantaste em verso afetivo-interpretativo, ou em versiprosa, ou na microlira pedestre de tua afinada viola de bolso, trinando em lírica celebração. Sendo tantos os eleitos de tua lira crítica e epidíctica, baste concelebrar, em orfeônica ciranda, alguns numes teus, dos prediletos.

Manuel Bandeira, o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte, o que encarnou em si o fenômeno poético, o poeta de vastas solidões. Manuel canção de câmara, o que doou som de piano e violão e flauta ao sentimento. O que melhor te deu a sensação de poesia transparente. Nele viste o verso – *puro, luminoso, cristalino – acasalando no ar as suas células rítmicas.*

No canto urgente, ziguezagueante, rouco, que lhe tiraste de tua viola desatinada no chão, no chão – carpiste o amigo Mário de Andrade que desce aos infernos. Órfico, arlequinal, ele era tão de tal modo extraordinário – *raio de amor geral barroco soluçante* – o poeta de todos os brasis. Dele te restaram as palavras (superamos a morte, e a palma triunfa) na carta, no verso: *A própria dor é uma felicidade.*

Machado de Assis, bruxo alusivo e zombeteiro (*que revolve em mim tantos enigmas*)  
de quem fino compreendeste a troça concentrada e filosófica, e a volúpia (grande lascivo)  
do nada (como tu mesmo após e sábio experimentaste: *a polpa deliciosíssima do nada*)  
e o espírito, fito, onde a dúvida apalpa o mármore da verdade, a descobrir a fenda necessária.

No *Sonetilho do Falso Fernando Pessoa* recriaste à risca o ambíguo, oblíquo, sibilino estilo pessoano.  
E sem quebrar o encanto do lírico oaristo, entremeaste em contraponto o tom do humor drummoniano:  
assisto / além, nenhum, aqui, / mas não sou eu, nem isto. Ao fim e ao cabo, interrogando as identidades  
do poeta, deixaste estar o enigma Fernando Pessoa: *morto redivivo, presentifuturo / no céu de Lisboa*.

Na belíssima ode em longa-metragem que dedicaste ao homem do povo Charlie Chaplin  
captaste, em meio a tantas imagens líricas e mágicas, a múltipla e singela figura de Carlito:  
*és espiritual e dançarino e fluido*. E ao garoto setentão, pura concentração do lúdico infinito,  
brindaste: *Velho Chaplin, a vida está apenas alvorecendo / e as crianças do mundo te saúdam*.

Em Portinari, colheste o entrelace do que é humano ao que é pintura,  
a dor em flor, conhecimento plástico do mundo, o sentimento da Terra  
domicílio do homem, o aroma primeiro do Brasil. Em Goeldi, a erosão  
do tempo no silêncio, o pesquisador da noite moral sob a noite física.

Viste, ouviste em Tarsila o nome Brasil, toda uma supina presença nacional,  
e nos seus monstros, assombrações, seguiste nosso traçado preternatural.  
Segall revelou-te o amar num ato único as formas, as gentes, os animais,  
os murmúrios da terra, e a pressentir a alegria do conhecimento solidário.

Num poema nimicamente pictural: *A tela contemplada*, e trasladada em idéias, imagens, ritmos, timbres,  
para a moldura exata do soneto, perfeito quadro verbovisual de estruturas e figuras concreto-abstratas, resumiste  
a pintura metafísica de Chirico (*Pintor da soledade nos vestibulos / de mármore e losango, onde as colunas / se deploram silentes*)  
e suas insólitas formas arquitetônicas, escultóricas, estatuárias.

Na heráldica, hierática, imperturbada e brônzea escultura de Henry Moore, refletiste, contempleste  
a pura experiência de estar imotos, blindados no silo do silêncio essencial: *Na dignidade da postura  
paralítica, ausente de sentido, / irradiamos talvez / surda sabedoria / flor e sumo de todo não-fazer*.  
E no *Carnaval* de Miró, tão vivamente apercebido, descobriste que *a vida* (como a arte) *é bailarina*.

Niemeyer, o arquiteto da sustentável leveza do ser sob forma de concreto e vidro, esculturais volumes,  
vãos magníficos, vastas esplanadas, esplêndidas colunatas, curvas sensacionais, e velho artista engajado  
no alto Ideal social, cedo induzira-te o lírico olhar de boi ruminador, meditabundo (que vê os homens  
e deplora-os), contra um suposto, sur-real *Edifício Esplendor*, tipo *máquina de habitar* à Le Corbusier,

funcionalíssima, porém mecanizadora da existência, da residência, fechada em *células estanques*, sem  
espaço vital e sem ternura, e de que por força tornar-te-ias também afinal um dos *tristes moradores* –  
emparedados entre claustro e acrofobia – prisioneiros do moderno e medonho edifício-torre, inumano e inatural  
(*Na areia da praia / Oscar risca o projeto. // No cimento, nem traço / da pena dos homens*).

Depois, ao visitar, desfrutar no amplo do parque e da orla, a bela, plena, e leve arquitetura do M A M  
recolheste na concha do poema *uma coisa pura em face do mar*, o que uma coluna encerra de música, o que há num  
vão / num ritmo na linha / posta no papel / plantada no chão / e crescendo ao sol: floresta de palmas, flor em  
movimento: *uma coisa pura / linba luz e ar – à traça de Reidy – pousa frente ao mar*.

Não te esqueceu o sutil desenho, arte irmã da escrita, e que às vezes finamente praticaste: traço ligeiro  
e irônico, de ti mesmo desdesenhaste. Em Kantor, viste que o desenho torna-se modo de viver a coisa  
a palavra torna-se a última projeção do desenho, a palavra incorpora-se ao desenho: a coisa o desenho

a palavra fundem-se em generosa radiação. / *Kantor: invade o país dos signos e deles faz sua mansão.*

Nas sinuosas, melodiosas linhas de Carlos Leão, solfejaste o teu corporal poema. Eis toda a modulação da linha, no arabesco em forma de mulher: o corpo feminino revelado em sua linha virginal e eterna. A melodia corporal expande-se, contrai-se, tudo é música no gesto/ou no repouso. *O sono, esse escultor modela raras formas e aparências. Carlos Leão, que tudo vê e sente, recolhe-as no seu traço, com amor.*

Nem te escapou ao olhar lírico, intérprete, rememoro, a arte da fotografia, e tampouco as artes lúdicas, rítmicas e acrobáticas do carnaval e seus passistas, do futebol e sua bola, seu balé, sua dança (arte esta que também não esqueceste, arte viva do corpo-e-alma num só enlevo-movimento, suma concentração, num momento, da humana graça natural: – *Onde a alma possa descrever / suas mais divinas parábolas*

*sem fugir à forma do ser, / por sobre o mistério das fábulas*). Visualmente, na colorida e bela coletânea em defesa da *Mata Atlântica* (sem dizer a do *Pantanal*), a câmara vigilante passeia com teu olho crítico e lírico, de poeta ecológico da natureza e da cultura, em verdadeiros cromos fotopoéticos, instantâneos, vivos libelos multicolores da paisagem, da flora, da fauna, que captas e estampas, explodindo em verde,

alertando em cores e cantos gritantes, contra a agressão da vida – *plástica imagem selvagem da vida inserida no Verso-Universo da mata!* – como no fotograma do gato-do-mato; e no cromograma policrômico do fastuoso tangará, que a si mesmo indaga: *Sou pintor ou pintura? As cores arcoirizam no meu manto.* E conclama: *Objeto luxuoso, esvoaçante gravura colorida, / Não me neguem, por Deus, direito à vida.*

Dentre os diversos álbuns de família que se abrem nas páginas de tua poesia, revolvendo desvanecidas e melancólicas imagens em preto e branco, tal a nostálgica, pungente fotografia de Itabira na parede, que tão agudamente dói no verso-fecho de tua itabirana *Confidência*, em teu livro final tu a ti mesmo te fechaste (em urna luminosa) num último, remoto álbum de velhas fotografias, e mergulhaste no tempo e

no espaço, no país do mato-fundo, em *flashback* nos autênticos fotopoemas de *Imagem, Terra, Memória* em que regressas ao teu mundo / miudinho dentro do mundo / e grande maior que o mundo, e a todo o aéreo panorama / de serra e vale e passado e sigilo – *que pausa, intato, no retrato.* E tua fotoviagem continua / ontem-sempre, mato a dentro, como a recordas, e entendes: – *imagem, vida última dos seres.*

Numa última e rica aproximação entre arte e poesia, criaste a tua particular galeria universal de pintura e escultura – *Arte em exposição*: muitos quadros célebres, algumas seletas esculturas. A cada qual, teu toque em sagaz ou irônico epigrama. E assim vais passeando o arguto olhar em *promenade* reflexiva, tal como revisitou Mussorgsky, ao piano, com humor e drama, os seus dez *Quadros de uma exposição*.

Em Beethoven, teu rude Luís, escutaste o coração da Terra, desentranhaste a música, humana, da terra; que a Terra, disseste, é lar dos homens, não dos mitos. *Nova música, ungida de tristeza mas radiante de força, vem ao mundo.* A canção do heroísmo e a da alegria – auscultaste – resgatam nossa mísera passagem. E prorrompem na *abstrata superação do tempo e do destino*.

Urso-maior uivando a solidão / aberta em cântico, – erguendo o sentimento à culminância da divina explosão. Que tempestade – interrogaste – passou em ti e continua a devastar-te no limite em que a própria morte exausta se socorre da vida, e reinstala o homem (*Es muss sein!*) na fatalidade de ser homem? *Ó Beethoven* (escuro Luís, Luís luminoso) *tu nos mostraste o alvorecer.*

Em Camões, no seu verso rude e suave, seu ritmo de oceano sofreado em que te embebeste – capturaste, mais que o amor na coisa amada, o próprio Amor, a própria História, e todo o mar fremente da Linguagem. *Camões – ob som de vida ressoando (...)* *de amor e guerra e sonho entrelaçados...*

E insculpiste em onda, ritmo, lume e brilho, áureo color e esplendor sonoro o mais rútilo e musical brasão poético já oferecido à maior glória do Poeta,

cinzelando em dois versos todo o universo do seu poema aberto aos mares:

*Luz de ouro vazando intensa luz / por sobre as ondas altas dos vocábulos.*

Na legenda quixotiana em que a rir-te e a divertir te transverteste a narrar e resumir, resenhar e repintar o mito, com riscos e rabiscos de figuras e palavras, qual jogo pueril com os signos da linguagem a falcoar a sorte e a flautear a morte, ao pé da letra e à mão armada:

de soneto barroco a poema concreto, de poemas-desenhos, diálogos, ritos, gestos, medidas, paródias, a cantiga e brincadeira de roda, a embolada-galope e ao poema-cálice, símbolo da demanda e caligrama da copa global do mundo; sempre trocando, terçando, esgrimindo metros e rimas, estrofes, ritmos, timbres

na velha e brava porfia das letras e das armas, desde o durindano verso alexandrino ao versículo magriço, pé quebrado, trissílabo, até o agudo e o esdrúxulo dissílabo – teu auto-retrato-rabisco, escritinho, traçaste: poeta-inseto, poeta-in/sano (*um louco de juízo*), poeta-in/signe, da liça e da taça, da raça e graça do Quixote: tua exata, exímia

e nímia e fina caricatura – fina e frágil, até na ponta da asa de teu nariz fino e frágil de tua alma fina e frágil, tua certeza frágil / frágil frágil frágil frágil / mas que por frágil é ágil. Retraduziste assim em forma tripla, e em tua própria forma de ser, pensar, poetar, os traços, riscos e coloridos portinarianos, resumindo e reiluminando o mundo quixotiano.

E também aí incisivo retraçaste o teu arquetípico perfil psico-poético: trágico-lírico-onírico-aporético irônico-hilário-cômico, lúdico-lépido-humorístico, tipo gafanhoto montado / em corcel magriz, espectro de grilo / cingindo loriga, / fio de linha / à brisa torcido, enfim: o triste cavaleiro / de tristíssima figura... porém maneiro brandindo, em triz e em truz, o lápis de cor, candor, e alegre humor, do artista-criança

que fala e canta, brinca e dança, que ri e risca, pinta e borda, joga, roda, e salta, traquinas! e cai de costas, de gâmbias de fora, e cai de catrâmbias, planta bananeira, **vira** cambalhotas faz careta e dá piruetas, faz mil micagens mais, e espalha tanta mentira, e diz tanta besteira verbais e não-verbais, e muito mais. E assim e outrossim – *farolim* – por ti e a ti mesmo

por teu verso, tua rima, teu jeito e teu gesto, te sagraste cavaleiro andante, amante, anelante de amor e sonho, químera e utopia, per-seguindo, no sem-rumo e no sem-fim, o árduo projeto da humana lida e des(a)ventura – tu, o *gauche*, o malvindo, o malfadado (inda não nado) a cair do cavalo, de cabeça no valo, e destinado por fim a sair na cola de nenhum caminho...

o que vagou, navegou mares errados, perdeu tudo que não tinha, amou a mulher difícil mas proclamou a imensa precisão de amar, amar e esquecer, amar e malamar – amar desamar, amar – sempre, e até de olhos vidrados, amar, e compartilhar amor sem conta amar a nossa falta mesma de amor, e dar saltos mortais vitais de amor de amor de amor.

**Em** suma: em sigla, letra, cifra, lavra e palavra, traço e figura, lúdica e lúcida, lírica, épica e dramática, numa só e múltipla alegoria, heraclítico-nietzschiana, hölderlino-heideggeriana bíblica e muçulmana, brâmane-freud-jung-pré-colombiana, simultaneamente se compondo (porque as lógicas mito-lógicas são múltiplas e uma só, um só sentido em plurissignificação

e o homem é homem em qualquer tempo e em todo e qualquer canto do mundo) rola e bola no papel o cosmogônico mitopoético ôntico-ontológico topo-gráfico poema **Um em Quatro** em forma global e simbólica de cálice – o aberto cálice in-finito da linguagem: **A b y Z** – no qual narraste, figuraste, des-envolveste todo o ciclo espaciotemporal do ser-no-mundo

colhendo em gral e anel Os Quatro: o céu e a terra, os mortais e os imortais a cúpula celeste o pedestal terrestre o divino santelmo o humano ser comum

num elo metafórico-metonímico entre si unidos, entrelaçados-transpropriados  
uno discurso e um só destino: umcavaleiroumcavaloumjumentoumescudeiro

quadrigeminados quadrimembra jornada quadrivalente busca, a discorrer mundo  
na terra – palavra espacial – a girar girovagar, num só giro, quadripartito anelo  
unificado anseio, transpropriante-espiralante, da p/rosa da vida – palavra temporal  
– do ser-no-mundo-para-a-morte: com-plexo existencial, no símplice Quadripartito.

**Dest’arte**, no Aberto do cálice, instalaste o espaço-de-jogo-temporal-do-mundo:  
alfa-ômega, eterno-retorno, Anel-Graal, transpropriando-se entre si Os Quatro.  
Na gesta geral da Linguagem, con-figuraste a quadridimensão do espaço-tempo  
e compuseste, cervantina saga e mandala, o Poema quadriuniversal do Mundo.

**Poesia ontológica** do *logos* e a *physis*, a *physis* e a *poiesis*, o nome e a coisa, o ser e o tempo  
o ser e o nada, o *ethos* e a *polis*, o Eu e o Mundo, *Éros* e *Tbánatos*, mas sobretudo e sempre:  
o ser/estar-no-mundo-com-os-outros-para-a-morte, sem mistificação, sem ilusões metafísicas  
e sim o gosto de existir, e subsistir, no afã/elã de transfiguração e transvaloração da existência.

**Agora** compreendemos com todo o corpo, para além da região minúscula do espírito, – como a ti mesmo  
interpretaras – aquela ambígua razão de ser, o ímpeto, *a confusa distribuição em mim, de seda e péssimo*.  
E rodopiando as tuas palavras, queremos assim te sagrar, e consagrar – seja numa escultura de ar, lunar  
ou tua estátua na calçada de Copacabana, que tanto e leve pisaste – o nosso mítico *herói de seda e ferro*.

**E** as tuas quiméricas metáforas, e as tuas utópicas, roucas onomatopéias  
ressoarão no tempo e no mundo ao ressurgir e ao reflorescer das primaveras...  
até que o homem novo, a vir, o para-além-do-humano, nosso longe irmão futuro, sublime  
arrolamento de contrários, enlaçados por fim, um dia brote deste chão e alvoreça!

**Poeta** da esperança e da derrota, das grandes odes e angustiadas elegias –  
buscaste na saga e na liça da linguagem a gesta essencial e simples da poesia  
e alcançaste – a gerir o mundo no teu verso e a viveres tu mesmo de palavra –  
empreender na lírica a aliança da simplicidade, sabedoria, e sutil serenidade.

**A** ti reverte e consagra, por tua vida-obra à letra escrevida – versivida  
e vice-versa – a ti, *homem escrito*, o que inscreveste no retrato de Erasmo:  
“Santidade de escrever, insanidade de escrever – equivalem-se. O sábio  
equilibra-se no caos.” Tal se ergue o teu verso: em arco sobre os abismos.

**Também** tu, pelejaste mais do que a peleja (e perdeste). A vida te viveu  
sem que vivesses nela. Amaste mais do que amor se deixa amar. Vagueaste  
a caminho de nada. A noite, enfim, desceu. Agora podes livre adormecer –  
não mais em sonhos – mas o sono limpo / de todo excremento romântico.

**Teu** sono sagrado, sono em si, impenetrável até ao semínimo tim da *Canção flautim*  
– tua mais fina ironia, na infinda perspectiva do fim. Dorme, assim, o sono absoluto  
que petrifica a morte e vai além, e te completa em tua finitude – *ser isento de ser* –  
predestinado (como deliciadamente antefruístes) ao prêmio excelso de exalar-se.

**Dorme**, Carlos Drummond, teu verdadeiro sono / despido de todo encantamento.  
Experimenta a última razão do vácuo, a última danação, parágrafo penúltimo  
(qual no teu último canto acalentaste) do estado – menos que isso – de *não ser*.  
Dorme, Carlos, dorme eternamente – insonte, petrificado

cavaleiro desengano

## VI

Viverás, Drummond, surdamente, no reino das palavras.  
Lá onde todos os teus poemas foram e estão escritos  
– nesse verso e reverso do real, em que investiste  
até à letra inapelada, que exprime tudo, e é nada.

Escrita (i)memorial arqui-po(i)ética antro-po(m)órfica  
a reinscrever entre a palavra e a terra o teu criptograma  
grafado em ocre, ouro, ferro, em grifo universal – Aurinaciano Auritabirano  
(a letra no corpo) o corpo na pedra a pedra na vida a vida na forma

Agora sabes que é tudo certo e prescrito em nebuloso estatuto. A vida  
era só uma noção de porta, o projeto de abri-la / sem haver outro lado.  
Vives agora o mistério do tempo, na raiz mesma do ser. Porque o tempo  
é, para sempre. E assim a hera da antiga era / roreja incansavelmente.

Tal que evocaste o teu sumo poeta e amigo, o venerando ausente  
– agora tua poesia pausa no tempo, magia em si, escrita no ar.  
A arte completa, a vida completa. A forma perfeita, definitiva.  
Agora também Drummond é pura / poesia, profundamente.

Agora és puro verso, branco, livre, solto, na distância espacitempo, escandindo-se...  
és o sentido escondido no imo do cristalino espírito, no veio da palavra, abissal.  
Campeias longe... nas campinas do vazio (esse completo estar-vivo no sem-fim)  
pastor de nuvens, reses encantadas – mudo em tua palavra-aprisco: saboreando-a.

## VII

Ó novo aedo, imortal, de todos os temas, todas as rimas, toda a Poesia  
– que penseroso e lasso descendeste as montanhas de Minas, alterosas...  
percorreste as ruas e os dramas da cidade dos homens, e deste a volta à vida  
no Grande Hotel do Mundo sem gerência, e mago, e anjo, subiste ao sétimo céu

e desceste ao quinto dos infernos, e ascendeste ao zênite da existência –  
em teu negro jardim onde violas soam, ouve o eco das sete faces, sete vozes  
em sete tons, das sete cordas de tua rude cítara, nestas outras sete palavras  
surdindo ainda... da pedra-enigma que havia e tinha no meio do caminho.

Ó velho bardo, escuta, do sono de tua mina a mais funda  
tangendo – tom doloroso – ante o bloco de tua tumba  
em dó profundo, o solo inaudito e longo de um alaúde

a dizer, ressonando... sobre a tua pedra tumular  
no cantochão da tua morte, em glorificação de tua arte

**que tua vida – oh! Poeta – foi teu verso (a) lapidar (te)**

## POSTSCRIPTUM

(\*) Pedro Pinho de Assis é o nome completo, aqui *ad hoc* e deliberadamente sincopado, aproveitando-se a tradição monacal do último sobrenome para criar uma espécie de conventual pseudônimo (Pedro de Assis) e, assim, emprestar um toque monástico incidental ao onomástico do (interposto) autor, ou intérprete, ou recitante, virtual concelebrante do ofício poético-litúrgico deste pretense *Requiem* - para e por Drummond ele mesmo, em certo sentido (muito embora, ou malgrado seu, tenha ele em vida e em verso professado que não cantaria o morto: *é o próprio canto*). Ou seja: no sentido simbólico de que se evoca o poeta, *d'outre-tombe*, ao mesmo tempo invocando e convocando a voz lírica e intemporal de sua poesia, para com os seus próprios versos ou imagens (inclusive autobiográficas e fotobiográficas) entremeadamente lembrados, relidos, re-citados, ou dialogando-se e discorrendo intertextualmente, em livre jogo de linguagem, com os seus poemas, dizer e cantar a imortalidade da sua figura e do seu espírito: *Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change*.

De modo que essa denominação *ad hoc* de autoria, tal como aplicada e acima explicada, bem como e sobretudo o título definidor do gênero diferenciado ou “heterodoxo” (para não dizer “heresíaco”) deste nosso “Réquiem” não religioso nem lamentoso (muito ao contrário, antes secular e jubiloso, por isso mesmo, e mais um tanto, *profano e glorioso*) constituem parte integrante e indicativa da natureza, sentido e intenção deste entretecido e versificado discurso fúnebre, também entrelaçado de celebração e mesmo de glorificação literária e espiritual ao pranteado poeta. Um pretense *Requiem*, portanto, que pretende também envolver e entoar nos seus versos um certo *Gloria* (*mundano*, naturalmente) ao nosso consagrado e grande poeta; consagrado aliás também, e paradoxalmente, por ocasião de sua própria morte, tão inesperada, tão lamentada e tão repercutida nacionalmente, e em Portugal, como jamais poeta nosso algum em tempo algum havia sido, ou mesmo qualquer poeta da Língua Portuguesa, desde Camões ou até incluso Camões. De tal forma que, depois de ter sua digna figura, sua longa vida e larga obra plenamente reconhecidas e consagradas, Drummond teve uma “santa” e “senhora” morte, verdadeiramente consagradora e glorificadora (e tudo isso aqui se diz malgrado seu, mais uma vez, porquanto ele mesmo, no seu livro derradeiro, glosou, motejou e desdenhou, triplamente, como que por autoprevenção, qualquer sentido, expressão ou expectativa de Glória, aqui na Terra ou nas Alturas: *Fortuna, ó Glória, se evapora, / e a glória se esvanece, Glória*).

Trata-se, pois, de um certo gênero recitativo de discurso fúnebre (portanto virtualmente uma *oração*, mas secular, civil, e sem o aparato nem o tom oratório, conquanto buscando nas imagens e nos ritmos uma certa eloquência recitante, ou mesmo cantante, de litania, leiga litania entretanto) que é no conteúdo e na expressão um discurso ao mesmo tempo elegíaco, exegético e epidíctico (não meramente um panegírico), em relação ao poeta e sua poesia, o homem e sua obra, vale dizer, sintetizando: sua vida, paixão e morte, num só drama e escritura envolvidas, tal como ele essencialmente as viveu, encarnou e inscreveu na sua obra poética. E assim também aqui lembradas, celebradas, ou de certo modo *representadas*, num texto/contexto de certa configuração lírico-dramática por sua

inspiração e escrita. Menos, aliás, sob o modelo propriamente litúrgico-musical de uma solene missa de réquiem (embora tirando daí certos proveitos e efeitos), do que sob a forma poético-litúrgica, livre e leiga, de uma espécie de cantata *a cappella* ou oratório puramente recitativo, já que discurso ou oração fúnebre de fato o é, ou pretende ser. Sem deixar de ser também ou conter em si uma certa liturgia (*leitourgía*), no pleno sentido etimológico da expressão, da proclamada palavra, em termos de *culto* público em memória do homenageado. Porquanto, demais disso, trata-se de um texto efetivamente publicado em suas duas primeiras versões (a primeira, e rudimentar, em jornal local, *O Liberal*, marcando o primeiro ano da morte de Carlos Drummond, e a segunda nesta mesma revista literária, *Asas da Palavra*, número comemorativo ao centenário de nascimento do poeta) e já eventualmente recitado (interpretado, executado por assim dizer, inclusive com acompanhamento ou ilustração musical de apoio e de fundo) em público e para um público universitário, embora não ao vivo mas sob gravação de estúdio em fita cassete, num restrito e rápido evento acadêmico também comemorativo da sobrevida *cultural* do poeta morto. “Apresentação” ou “representação” essa do nosso réquiem-oratório, recitado e musicalizado (de fundo), ou espécie de cantata profana, *a capella*, cuja “performance” teve a competente colaboração “teatral” e “musical” dos amigos, também afinados drummondianos e grandes aficionados do outro canto lírico, o da ópera e seus congêneres: Maria Sylvia Nunes, que colaborou na preparação vocal e na seleção musical de acompanhamento, e Gilberto Chaves, que também participou da escolha sinfônica e emprestou a sua própria voz grave e baritonal à recitação, ao recital, dando assim o tom, eloquente, meio contido meio solene, ao texto tendencialmente lírico-dramático do nosso recitativo réquiem ou oratório profano e glorioso, nos termos acima colocados.

Ou ainda, e prosseguindo: uma espécie de “paixão” drummondiana, nos dois sentidos, objetivo e subjetivo (ou duplo genitivo), e num tangencial sentido bachiano, já antes insinuado, de recitativo (relato, narração), declamado e/ou cantado, de todo o “drama do Calvário” poético, se assim se pode associar, que é a longeva e profunda experiência drummondiana da existência e da poesia, entrelaçadas, com seus múltiplos conflitos recíprocos, interconexos, e seu ineludível sentido trágico. No caso, todo o drama existencial, ou melhor, poético-existencial, toda a *experiência poética* vivida, sofrida, meditada e

poematizada por Drummond, toda a sua “via-crúcis” biográfico-literária, inextricável, com todo o seu *pathos* vivencial e expressional, da linguagem e da vida, inseparáveis, indissolúveis, daquele convicto “gerir o mundo no meu verso” e “viver eu mesmo de palavra”, que vai aos limites e aos liames do metapoético e do metafísico, desde o seu primeiríssimo poema, natalício, destinal, passando largamente por todas as muitas faces, facetas e estilos da riquíssima poética e da ampla e universal problemática de sua vasta, complexa e alta poesia, uma verdadeira suma poético-filosófico-existencial geral, até à máxima simplicidade, leveza e lucidez do seu autoconsciente *Farewell* (Até mais! Passar bem! Aproveitem bem, vale a pena... *Agora vou-me. Ou me vão? / Ou é vão ir ou não ir? / Oh! se te amei, e quanto, / quer dizer, nem tanto assim.*), seu efetivo e sincero livro de despedida, serenamente desiludido e antefinal; fechando-se assim o recitado

drama lírico-existencial da vida, paixão e morte do poeta, com todo o seu conteúdo e sentido *passional* da existência e da poesia fundidas e essencializadas entre si (*Gesang ist Dasein*, o canto é existência, cantar é existir, cantar é ser, como sabemos, e como ainda mais sabia e sentia Drummond, poeta do “canto órfico” e certamente leitor privilegiado dos *Sonetos a Orfeu*). Por conseguinte, reafirme-se, uma espécie de *paixão drummondiana*, mas tragi-cômico-lírica no seu geral conteúdo, linguagem e sentido, que se extrai, se narra, se recita, a partir não da vida biográfica do poeta mas sim da *produção poética* da sua existência enquanto poeta, de todo o seu caminho problemático de pensamento e sentimento (do Eu e do Mundo), de sofrimento e comprazimento na *procura da poesia*, na luta *corpo a corpo*, invencível, interminável, com as palavras (*Tamanha paixão – grife-se – e nenhum pecúlio*), no *gosto de dizer e de sentir / a existência verbal / a eletrônica / e musical figuração das coisas*; portanto o gozo mas também a angústia e mesmo a tortura (poética) de sentir, pensar e dizer, imbricadamente, com todo o corpo e com todo o espírito, a própria vida encarnada no verbo, essencial e consubstancialmente: no verbo poético, no ventre da palavra, “estereofonia da carne profunda” (Roland Barthes, *O prazer do texto*). Tal é o calvário dramático do poeta, o gólgota da linguagem, da língua, desse *homem escrito* (*Sua vida é papel / a fingir de jornal? // Afinal, ele é gente / ou registro pungente?*); esse o patético, igualmente sofrido e prazeroso, doloroso e gozoso, padecimento lírico-existencial do poeta-pensador, sua verdadeira e sacrificial, interminável, inelutável *paixão*, cujo martirologio da escrita, por assim dizer, se contém, se relata, se recita, no reler e no discorrer dos seus poemas, percorrendo a “via-sacra” (profano-sagrada, não sacrossanta) de sua reunida e consumada obra poética.

Por outro lado, como indica o subtítulo, trata-se do que se pode considerar mais propriamente um poema-ensaio. Mas não necessariamente de cunho ou intuito didático, nem ortodocente, antes heterodoxo como antes dissemos; ou simplesmente um ensaio crítico-poético em versos, composto em intertexto livremente entretido com a poesia do homenageado e apropriado Autor: um ler-releer-(re)escrever para lembrar, celebrar, co-memorar o poeta, num amoroso oaristo de leitura-escritura, incorporando e interpretando (em sentido também vocal, de recital), em nosso próprio discurso evocativo-interpretativo, poemas, versos, imagens poéticas e/ou biográficas de Drummond (imagens biopoéticas, diria muito bem, e bem a propósito, Joaquim-Francisco Coelho, um dos primeiros e melhores intérpretes da poesia da *terra e família* do grande itabirano; cujos versos incorporados ou implicados em nosso discurso crítico-poético, explique-se, nem sempre o são completos e nem sempre destacados em itálico, a não ser quando alguma ênfase se precisou dar ao texto, ou se quis ressaltar em si a beleza poética e musical de certos versos-chave); bem assim algumas outras expressões da vasta e alta fortuna crítica do poeta, e ainda certas ideias e imagens amealhadas, entremeadas, de alguns outros poetas e pensadores, cujas vozes podem ser mais, ou menos, claramente (sub)entendidas na tessitura intertextual do nosso texto e seu contexto. Aliás, um texto algo sinfônico, ou polifônico, em sentido também musical, pois inspirado também, ou tocado, pela música e o pensamento dos réquiens profanos (assim os vejo, assim os ouço) de Mozart, de Brahms, de Verdi; e ressoando ou repercutindo ainda, a nosso ver (nosso ouvir),

certo eco da famosa cantata cênica de Carl Orff, cujo moderno canto goliardo-gregoriano se coaduna bem com a entoação funeral, entre profana e sagrada, da temática e da poética de Drummond tal como recolhidas e interpretadas nestes nossos “carmina drummondiana”; até porque, como se sabe, além de tantas outras traduções de sua poesia em numerosas línguas modernas, o poeta ainda teve a singular fortuna de uma ampla antologia de poemas seus traduzidos para o latim (por Silva Bêlkior) e por vezes, necessariamente, um latim “vulgar” ou até mesmo “bárbaro”, ou “goliárdico”, para corresponder ao estilo grotesco e/ou burlesco de certos versos do bardo itabirano (ou também “burano” similarmente?).

A par de ser especialmente dedicado a Benedito Nunes, este poema-ensaio ou ensaio crítico-poético, na sua ambivalência, entra em diálogo “concertante” e entra na dança do(s) sentido(s), circular, volteante, valseante, com a concepção hermenêutica do nosso grande intérprete (como teórico aprofundado e como crítico experimentado, isto é, provado e variado, na interpretação e análise da obra de inúmeros e importantes autores) das relações entre arte, poesia e filosofia, num amplo contexto cultural e sob um enfoque rigorosamente poético-filosófico. Assim, mas sem querer com isso justificar ou escamotear as possíveis fraquezas deste nosso ensaio de compreensão/comemoração drummondiana, de embasamento legivelmente heideggeriano, diríamos que o seu enlace (ou mesmo enleio) interpretante com os próprios versos do poeta (aliás um pouco à maneira do que Drummond há muito fizera em relação a Machado de Assis, seu grande guru, no intertextual, devocional e belíssimo poema *A um bruxo, com amor*, guardadas evidentemente as imensas distâncias e proporções que vão do grande poeta ao simples versejador) corresponde mais ou menos ao que o nosso aludido teórico, também com base em Heidegger (na “filosofia” heideggeriana da linguagem e da poesia), elucida e conclui no seu fundamental ensaio *Hermenêutica e poesia*: “Por essa forma, a hermenêutica tem que interpretar a poesia falando-a, desdobrando-as em figuras, em *topoi* dela mesma, sem traduzi-la em conceitos. E como fazê-lo, uma vez que visa a dimensão do texto que não reside no conteúdo semântico, temático e lógico do enunciado, mas no nível pré-categorial, pré-simbólico e pré-objetivo? Em tais condições, o intérprete é instado quase ao esforço de parodiar o texto, e de interpretar a poesia com a poesia. A Hermenêutica da poesia seria sempre poética.” Nada mais se precisa dizer ou acrescentar, a não ser que talvez não tenhamos conseguido dialogar à altura com os poemas de Drummond, ou que nosso texto versificado se tenha talvez excedido, ou se embatucado, no livre jogar com os versos do poeta. Em todo caso, fica a tentativa de compreensão (ainda incompleta) da poesia drummondiana, e valham a intenção e a deleitação da homenagem, em comemoração do poeta e(m) sua poesia.

Outro ponto que o nosso presente ensaio nos leva a dialogar com Benedito Nunes é a questão muito atual e bem questionante d’O *Nietzsche de Heidegger*, deixada em suspenso ou numa talvez deliberada oscilação (*entre les deux...*) no seu homônimo e grande opúsculo do ano 2000. Em nossa vertente, ambivalente e recitante *interpretação* (também parcial ou parcelar) de alguns poemas filosófico-existenciais de Drummond, a qual também balança entre Heidegger e Nietzsche,

ou melhor, de um a outro e vice-versa, porquanto a poesia drummondiana acolhe os dois pensamentos conforme a temática e a problemática meditadas poeticamente (mas sem subjugar-se a nenhum dos dois, porque a poesia pensa por si mesma, com suas próprias intuições e símbolos, autonomamente), cremos ter indicado que, no mais decisivo, o pensamento poético de Drummond é francamente nietzschiano; ele que, por sinal, tinha sido um tanto schopenhaueriano em sua ânsia nirvânica do nada, nihilismo passivo que veio se transformando ao longo de sua obra, de sua metamorfose poética, até se tornar um nihilismo ativo, afirmativo, ao modo de Nietzsche. Nas questões cruciais, por exemplo, da morte de Deus e da fuga dos deuses, do último (ou novo) deus, do homem novo, a vir, e de um novo começo da humanidade e do mundo, diríamos que o pensamento poético-existencial de Drummond, embora comporte os lineamentos da analítica heideggeriana da existência, pende francamente para uma visão nietzschiana. Nosso poeta maior (e maior poeta, certamente, e um dos grandes espíritos universais da nossa época e mesmo já pós-contemporâneo, porvindouro) parece-nos assumir, poeticamente, a figura do *homem superior*, do *livre espírito*, o espírito desatrelado, aberto, afirmativo e criador, aquele que pressente e prepara a vinda do homem novo, do supra-homem, o para-além-do-humano. E sua última poesia cada vez mais procura ser, fazer o jogo e a dança do artista-criança, que ri e que brinca, pueril poeta, com seus *brincos de palavra*, porém arteiro e pensante (o livre e leve espírito criança, não mais o pesado camelo nem o rompante leão, às vezes quando muito o poeta irônico e ferino como tigre, mas cochilando, *disfarçado*). No seu belo canto genético e propedêutico, pedagógico (de benevolente avô para netinho inocente), *A Luís Maurício, infante*, Drummond parece mesmo assumir poeticamente, na sua elocução, na sua *fala* tão lyricamente educadora, a própria imagem e o tom de Zaratustra: não sendo talvez por acaso que o poema termina em pleno *meio-dia (...)* *hora belíssima entre todas*. Mesmo a última e acatadora (ou até acalentadora) imagem que sua poesia nos dá e nos deixa quanto ao tema do divino (não a ideia de Deus) é também a pueril figura do *Rei menino*, ou seja, o nosso tradicional, devocional, ingênuo e humano menino-deus, o Cristo-criança, no seu berço de palha; e de forma alguma nenhum novo ou último deus, qualquer que seja ou possa ser. Porém ainda mesmo a final e complacente “serenidade” que se colhe no último Drummond, fruto natural e cultivado na *eudaimonia* de sua mais avançada e serena idade poética (ou biopoética), não se identifica inteiramente com a *Gelassenheit* heideggeriana, tão quietista e expectante. Pois o nosso velho e juvenil poeta não perdeu, não sufocou aquele *gosto de dizer e de sentir*, até o último verso da sua *Canção final*. Quer dizer, sua poesia não elide, não elimina, até o fim (*Canção flautim*), a nietzschiana e supra-humana *vontade de potência*, que é, para o nosso vital poeta, afã e elã de viver, de existir e subsistir, apesar dos pesares, apesar de tudo, em amistosa e equânime convivência com os outros, o mundo, e as coisas. (Aliás: *pesares de quê?* - perguntaria o já amadurecido e pacificado poeta, ainda que desencantado - *se esse travo de angústia nos cantares, / se o que dorme na base da elegia / vai correndo e secando pelos ares, / / e nada resta, mesmo, do que escreves / e te forçou ao exílio das palavras, / senão contentamento de escrever (...)?* - grifemos nós com intenção e bem a propósito).

Não é também de outro timbre menos otimista, nem de outro tom menos complacente, a última e convivial mensagem poética, entre muitas anteriores e similares já a nós dirigidas (*como viver sem conviver?*) na praça de convites, que ele nos deixou inscrita (e prescrita) no seu livro de despedida; e na qual, fazendo par festivo com a mesma balada natalina do *Rei menino*, e como tantas outras vezes antes, o poeta aproveita novamente o evento e o advento anual, em conjunção, para nos ver a todos de novo *acreditar, a ser bons meninos*, e convidar-nos assim a viver mais uma vez a *Reinauguração* do tempo, a renovar em nós mesmos *a magia do tempo*, e, brindando com alegria e esperança ao Ano Novo, novamente nos convida a *acreditar na vida e na doação de vivê-la / em perpétua procura e perpétua criação*. Assim falou Drummond. Como nitidamente se compara e se constata.

Na verdade, a final serenidade drummondiana, a que nos referimos, ao invés da passiva ou mesmo impassível quietude (ascética? budista? pietista?) de Heidegger, é ainda uma felina, *sutil serenidade* como a saudamos e definimos no Réquiem do poeta (nada nirvânico nem olímpico, portanto, mas sim apolíneo-dionisíaco, in-tensamente). E no espaço-de-jogo-temporal do Quadripartito heideggeriano, que Drummond à sua maneira e seu *frágil projeto de felicidade* (neste mundo para todos, nesta terra poeticamente habitada, ou mais e melhor, ecopoeticamente restaurada e reedificada, como morada ecumênica, *oikoumenós*, da nova humanidade, no tempo novo, a grande morada do homem e do mundo, como ele a sentiu, meditou e preconizou: *tantos pisam este chão que ele talvez / um dia se humanizem*) tão bem arquitetou e instalou, como indicamos, na sua verbal e literal *instalação* poética do mais do que concreto, alegórico poema UM EM QUATRO, nosso poeta-arquiteto da topológica (e topo-gráfica, visualmente e e-videntemente) nova *residência poética* do homem novo e quixotiano a vir, a girovagar no anel(o) cíclico e circular do tempo, em ampla translação, colocou assim no centro ôntico-ontológico desse mundo, no meio mesmo do cálice aberto da linguagem, que o envolve, a própria circularidade e perpetuação do *eterno-retorno* nietzschiano.

Enfim, queríamos agora dizer ao nosso Benedito Nunes, mestre e amigo, que a bola agora está com ele, para decidir (ou indecidir) a parada, a partida. Que o nosso pequeno e grande Bené, portanto, que é o nosso Pelé da acirrada porfia entre poesia e filosofia (a coisa está num tal pé, aliás, que só o Carlito Drummond, poeta pateta e peralta do jogo verbal da péla, da bola, do foot-ball, e até mesmo ou sobretudo do ludopédio (por que não?), espécie de “Beto bom de bola” da palavra e da poesia, é que pode quicá, e oxalá, apartar sem resolver essa velha briga transcendental, ocorrendo aqui com seus maneiros “dribles de palavra”, nos poupando assim a cabeça, e tirando de letra a questão; pois como ele disse, falou, arbitrou: *E deixemos de briga, minha gente. / O pé tome a palavra: bola em frente.*), que o nosso Bené, portanto, que é outro Carlito sem jeito e oitentão, o nosso “pequeno pai do tempo” como o apelidava(o)ntologicamente o impagável poeta Ruy Barata, de inapagável memória, e que tanto e a fundo tem interpretado o primeiro e o último Heidegger, nos dê agora um balanço geral, poético-filosófico disputadamente, da poesia do último Drummond. Ou então que nos dê, pelo menos, um balancete heurístico e hermenêutico, em retro-projeção, do último livro do último Drummond, esse excepcional e

inacreditável *Farewell*, do nosso jovial e juvenil poeta aos 85 anos de idade e mais de 60 ininterruptos e prolíferos de variada e alta poesia, existencial e existenciária, sem concessões nem mistificação. Que o nosso Bené, por conseguinte, que é também um craque das palavras e dos conceitos, das ideias e das formas, nos dê um bom passe para esse livro (difícil e fácil, simples e complexo, como só ele), em especial no que tange e toca à ora severa ora brincalhona, ora austera ora amorosa “musa filosófica” do poeta.

Além e ao lado de Benedito Nunes, diversos outros críticos e teóricos são de certo modo assimilados, em maior ou menor grau, neste nosso ensaio drummondiano, por vezes utilizando expressões textuais de alguns deles, incorporadas ao nosso próprio discurso interpretativo, intertextual; entre os quais o já antes mencionado Joaquim-Francisco Coelho e mais os que ora lembramos (com desculpas aos que acaso ficaram, injustiçados, na velha academia dos esquecidos): Antônio Candido, Affonso Romano de Sant’Anna, Luís Costa Lima, Silviano Santiago e, por último mas principalmente, José Guilherme Merquior (*in memoriam*); como também, mais especificamente no campo da teoria literária e da poética, Eduardo Portela e Emmanuel Carneiro Leão; a eles todos, igualmente, consignamos aqui nossa admiração e reconhecimento.

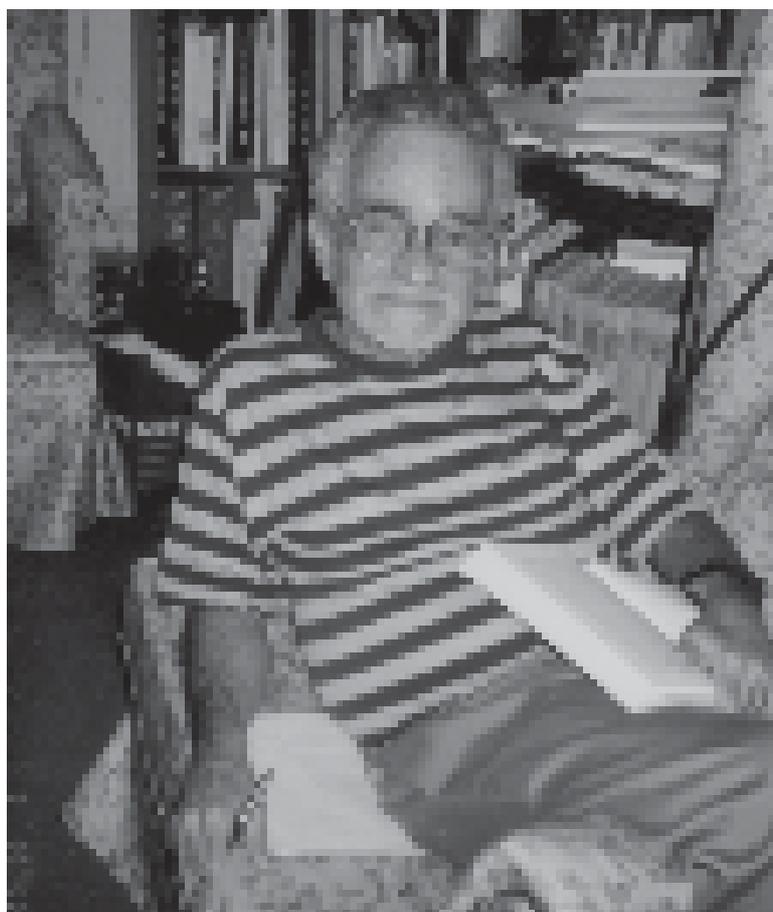






Foto: David Jackson

## **VIII. Escritos de Benedito Nunes**

**BENEDITO NUNES**

# O DRAMA DA LINGUAGEM



Tradução de

**CLARICE LISPECTOR**

